# Tema 4 - A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL



O estudo do Tema 4 decorre de 21 de maio a 16 de junho de 2013. Espera-se que o estudante trabalhe a matéria em análise e proceda de acordo com o indicado no Plano da Unidade Curricular (PUC) para as quatro derradeiras semanas do Semestre.

**Bibliografia**

Mendes, J. Amado, *Estudos do Património*..., textos 6, 7, 10, 11, 12 e 19.

**Texto 6** - Museologia e Património Industrial, p.73-82

**Texto 7** - Património Cultural, Património Industrial e Estudo de caso: Os Fornos de Cal no Concelho de Cantanhede, p. 83-92

**Texto 10** - Uma nova perspectiva sobre o Património Industrial: Preservação e requalificação de Instalações Industriais, p. 119-132

**Texto 11** - História e Património do Papel: A indústria papeleira no distrito de Coimbra, p.133-142

**Texto 12** - O Ferro na História: Das Artes mecânicas às Belas-Artes, p. 143-154

**Texto 19** -A Central Térmica dos HUC (Edificio das Caldeiras): Monumento Industrial a Preservar e Reutilizar, p.215-231

Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=QWAw0J4gaMkC&pg=PA73&lpg=PA73&dq=Mendes,+J.+Amado+-+Museologia+e+Patrim%C3%B3nio+Industrial&source=bl&ots=bDGmCjpebn&sig=bykdYcva_sMzwULDwJtkio0w4aA&hl=pt-PT&sa=X&ei=IwKcUaGtIeWM7QaR_YG4BQ&sqi=2&ved=0CGQQ6AEwBg#v=onepage&q=Mendes%2C%20J.%20Amado%20-%20Museologia%20e%20Patrim%C3%B3nio%20Industrial&f=false>

**Guedes, Manuel Vaz, “Arqueologia Industrial”, in *Revista Electricidade,* n.º 372, pp. 393-299.**

Ver [Tema 2](#_Tema_2_-)

**Mendes, J. Amado, “A arqueologia industrial ao serviço da história local”, in *Revista de Guimarães,* n.º 105, 1995, pp. 203-218.**

Ver [Tema 2](#_A_arqueologia_industrial)

**1. Introdução**

***1.1. A componente industrial do património industrial***

***1.2. O objecto da arqueologia industrial***

**2. Actualização da história local**

O estudo do património industrial, por meio da arqueologia industrial – e não só – possibilitará e facilitará a “entrada" na história do povo anónimo, de objectos do quotidiano, de tecnologia, de processos de trabalho, de saber-fazer, de artigos diversos, de meios de transporte e comunicação ou mesmo os utensílios e equipamentos doméstico, desde os mais tradicionais aos electrodomésticos mais sofisticados das casas, também já chamadas “inteligentes.

A industrialização aconteceu e alterou profundamente as nossas vidas, para o bem e para o mal.

Leonardo Benevolo: “Os mecanismos da Revolução Industrial – o aumento da população, o aumento da produção industrial e a mecanização dos sistemas produtivos – alteram as quantidades e as qualidades em jogo no sistema de fixação europeu.”

A arqueologia industrial pode prestar um excelente auxílio no estudo de diversas temáticas, especialmente no que toca à utilização de fontes materiais, com as quais está inteiramente relacionada.

Além da arqueologia industrial, outros ramos do saber podem dar excelentes contributos, desde a história (económica e social, da arte, das mentalidade, etc.), a sociologia, a antropologia e a geografia, à economia e à museologia.

Iniciativas museológicas entre nós:

- Museu da Água, Lisboa;

- Central Tejo, Lisboa.

- Ecomuseu do Seixal.

Alguns exemplos do muito que há a fazer:

- as *rodas hidráulicas*, preservadas e em funcionamento, pelo menos ocasional;

- os *museus de* *cerâmica comum*, inclusive de construção, que constituiriam óptimos complementos dos já existentes (Vista Alegre, Arte Antiga, Machado de Castro e pouco mais;

- um *museu do sal*, num país cuja economia e comércio externo muito ficaram a dever a tal produto;

- um *museu ferroviário* – dinâmico e actualizado – além do já criado (no papel) no Entroncamento e de outros núcleos museológicos da CP que, não obstante o notável recheio, mais se assemelham a depósitos.

- museus de *veículos utilitários*, inclusive de duas rodas, ramo tão importante na zona de Águeda-Aveiro - de novo em complemento dos do Caramulo e de Sintra;

- museu de *electrodomésticos* – para além do da Rádio, em Lisboa – inclusive com a reconstituição de certas dependências, em momentos diferentes. Por exemplo, cozinhas, devidamente equipadas, em 1880, 1900, 1930 e 1960.

Analisar o uso da arqueologia industrial na investigação de actividades representativas no nosso país:

- a *cerâmica* (artística, de objectos utilitários, de construção, etc.), desde as simples olarias, em extinção, às grandes unidades;

- a *têxtil* (dos lanifícios, linho, algodoeira), passando pelas oficinas, manufacturas e fábricas;

- a *moagem*, contemplando moinhos, azenhas e a moagem industrial, desde a utilização das tradicionais mós aos cilindros austro-húngaros;

- a serração e *trabalhos em madeira* (de carpintaria, marcenaria, construção de habitações, etc.);

- a *ferraria* e a *serralharia mecânica* (passando pelas oficinas dos tradicionais ferreiros, pelas forjas e fornos, às grandes unidades, por exemplo de Lisboa e Porto, que abasteceram parte da arquitectura em ferro, tão vulgar na 2.ª metade do século XIX;

- as *fainas agrícolas*, sem esquecer os tradicionais arados e charruas, debulhadoras, serradoras e, mais recentemente, as conhecidas máquinas motorizadas;

- as *energias* (natureza, origem, produção, distribuição e uso), desde a humana e animal, às hidráulica, eólica, a vapor, a gás e eléctrica.

**3. A indústria do papel à luz da arqueologia industrial**

***3.1. A produção de papel e sua evolução***

A industrialização ou a revolução industrial na produção de papel passou, inicialmente, pela utilização da máquina de papel, também designada *máquina contínua* ou *máquina de papel contínuo*. Substituiu as operações manuais: preparação da pasta; utilização de formas; secagem por meios naturais.

A máquina foi inventada em 1799 pelo francês Louis Nicolas Robert.

Em 1841 a nova tecnologia foi introduzida em Portugal na fábrica Abelheira.

Na 2.ª metade do século XIX viria ser instalada em diversas outras unidades papeleiras: na zona de Tomar e no triângulo Serpins-Lousã-Góis.

A revolução industrial na produção papeleira passou por diversas inovações nas várias fases do fabrico:

a) uso de novas matérias-primas

- desde o século XIII – trapo

- a partir de meados do século XIX – a pasta de madeira ou celulose, de pinho e, mais tarde, de eucalipto;

b) preparação da pasta, através do uso de galgas – hidráulicas, inicialmente, e eléctricas numa segunda fase, de “pilas holandesas” (máquinas de cilindros) e de outros tipos de trituradores e misturadores mecânicos;

c) tinturaria, com o desenvolvimento da química (1870)

d) calandragem, corte e embalagem.

Há que incrementar a museologia da produção papeleira.

***3.2. Visita à Fábrica de Papel, em Tondela***

a) Localização – como a maioria das unidades pré-industriais e muitas do início da revolução industrial, localiza-se num vale, onde pode dispor de água em abundância.

b) Instalações.

c) Matéria-prima – desperdícios/aparas de papel ou papel usado. Numa primeira fase aos desperdícios de papel associava-se trapo, enquanto no último século se tem vindo a vulgarizar o uso da celulose.

d) Processo de trabalho – semi-automático, uma solução de compromisso entre a produção artesanal e a produção industrial. A matéria-prima começa por ser triturada nas tradicionais galgas, passando depois, pela intervenção do homem, para as tinas misturadoras, onde se lhe adicionam alguns produtos químicos. Daqui, a pasta segue – por força da gravidade – para a máquina contínua, a qual completa o processo.

e) Energias – é possível observar vestígios de três sistemas energéticos:

- hidráulica;

- a vapor;

- eléctrica.

Património industrial: passado e presente *Leonardo Mello e Silva***in *Patrimônio. Revista Eletrônica do Iphan***

O património industrial é um campo de investigação vivo, e não passadista ou morto.

Uma vez que se detém sobre máquinas, equipamentos, instalações e imóveis onde se processou a produção industrial, o património industrial é também a recolha e o tratamento de um património técnico de uma sociedade e de uma comunidade, e esse processo está sempre em transformação. Nesse sentido, o património industrial permite a elucidação da transmissão de um saber técnico.

É interessante ressaltar o papel activo do operador humano.

Uma história da industrialização não se faz apenas com processos de empregados, actas de reunião da empresa, relatórios da directoria, mas também com a maquinaria, as instalações, as espécies de produtos manufacturados – até a indumentária dos empregados.

Preservar deveria ser uma tarefa urgente dos profissionais do património industrial, estudiosos e académicos, porque a destruição do bem imóvel é irreversível.

Muitas vezes, mesmo sem ser um agente directo do património em causa (operário, empregado, patrão), interesses práticos ligados à inserção do bem num bairro ou cidade passam a ter relevância para a avaliação do seu significado histórico. Para isso é necessário que a população local encare as instalações fabris como parte da sua memória colectiva.

À medida que as transformações urbanas vão erodindo as identidades originais, os moradores que ficam tendem a perder os seus laços com as características sociais que marcavam aquele espaço.

Surge o conflito entre proprietários de imóveis e a consciência preservacionista como património identitário. Se se quer uma acção efectiva nessa área, é preciso que os poderes públicos assumam um papel pró-activo, imbuídos de consciência cultural e histórica.

**Algumas questões relativas ao património industrial e à sua preservação, Beatriz Mugayar Kühl in *Patrimônio. Revista Eletrônica do Iphan***

O debate sobre a preservação do património industrial iniciou-se em Inglaterra em meados dos anos 1950, época em que foi criada a expressão “arqueologia industrial”, ganhando maior vigor e atraindo a atenção pública a partir dos inícios dos anos 1960, quando importantes testemunhos da arquitectura industrial foram demolidos.

Consolidou-se e ampliou-se a partir de então.

É importante determinar o que o por que preservar.

TICCIH, criado em 1978. Em 2003 elaborou a Carta sobre o património industrial.

A arqueologia industrial interessa a várias áreas do conhecimento, em especial às humanidades, estando ligada à antropologia, à sociologia e à história – social, do trabalho, etc.

Pode ser entendida como o esforço multidisciplinar:

* de inventários,
* de registo,
* de pesquisas histórico-documentais e iconográficas,
* de entrevistas,
* de levantamento métrico e análises de artefactos e de edifícios e conjuntos e da sua transformação no decorrer do tempo,
* dos seus materiais,
* das suas estruturas,
* das suas actuais patologias,
* da sua inserção na cidade ou território,
* da sua forma de ligação com os variados sectores da sociedade,
* das suas formas de recepção e percepção, e sendo reconhecidos como bens culturais, do projecto de restauração

para se estudar as manifestações físicas, sociais e culturais das formas de industrialização do passado, com o intuito de registá-las, revelá-las, preservá-las e valorizá-las.

Desde as origens, trabalhou-se, na arqueologia industrial, de maneira a associar processos produtivos, meios de transporte e formas de produção de energia, por considera-los intimamente relacionados. Essa articulação marcará por um longo período a implantação e desenvolvimento de indústrias e a transformação de numerosas cidades.

Um tema pouco discutido é os critérios de restauração, que deveriam guiar a prática de intervenções nesses bens.

As acções sobre edifícios de interesse histórico são regidas, internacionalmente, pelos documentos do ICOMOS (órgão da Unesco), a começar pela Carta de Veneza, de 1964.

As teorias de restauração acabaram por ser reformuladas no final do século XIX, consolidando uma via em que se preconizava maior respeito pela matéria original, pelas marcas da passagem do tempo e pelas várias fases de uma obra arquitectónica, além de recomendar a distinção da intervenção.

Essa postura consolidou-se no século XX, com ênfase no valor documental da obra e, após reformulações, alcançou-se um período de grande maturidade e equilíbrio, que se codificou em meados do século, principalmente nos anos 1960, encontrando certa posição de consenso na Carta de Veneza.

Actualmente o restauro é entendido como acção de carácter eminentemente cultural, que se transforma em acto crítico, tendo por objectivo “conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito pelo material original e pelos documentos autênticos” (Carta de Veneza).

Preservação, conservação, restauro deverão estar sempre vinculadas a acções culturais e não pragmáticas.

Razões **culturais** (vinculadas a questões formais, documentais, simbólicas e memoriais), **científicas** (para se preservar documentos históricos) e **éticas** (que direito temos de apagar os traços de gerações passadas e privar as gerações futuras da possibilidade de conhecimento de que esses bens são portadores); **práticas** (de uso, de exploração económica, de práticas político-partidárias, etc.).

Não se trata de conservar tudo, nem de demolir ou transformar radicalmente tudo.

É inviável e mesmo indesejável conservar tudo, é necessário fazer escolhas conscientes, baseadas em conhecimento aprofundado, para que os bens mais significativos possam ser preservados e valorizados.

São sempre testemunhos únicos, não repetíveis.

A restauração implica transformações, por mais restritas que sejam, e deve-se ter consciência que mudanças não controladas levam a perdas irreparáveis.

A limpeza, o tratamento de superfícies, de lacunas e de espaços vazios, a inserção de novos elementos, a escolha de função compatível, são temas sempre presentes que resultam em mudanças que devem preservar as características essenciais dos bens, como meio de assegurar a sua salvaguarda e a sua real inserção na vida das sociedades. Isso leva sempre a escolhas difíceis, que devem ser fundamentadas em análises criteriosas e multidisciplinares.

A restauração é **acto crítico** que, alicerçado no reconhecimento da obra e do seu transformar no decorrer do tempo, se insere no tempo presente, em que se intervém em obras do passado, de maneira criteriosa, com vista à sua transmissão para as próximas gerações, mantendo sempre o futuro no horizonte das suas reflexões.

É acto de respeito pelo passado, interpretado no presente e voltado para o futuro, para que os bens culturais possam continuar a ser efectivos e fidedignos suportes da memória colectiva.

**Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização? Mais que uma questão de abrangência, Beatriz Valladão Thiesen in Patrimônio. Revista Eletrônica do Iphan**

Na arqueologia o estudo das fábricas, moinhos, máquinas a vapor, caminhos de ferro, etc., desenvolvido sob o cunho de **arqueologia industrial**, surgiu na Inglaterra, na década de 1950. Abriu um novo campo de investigação centrado no conhecimento dos aspectos materiais da Revolução Industrial.

Mais recentemente, a arqueologia industrial tem-se preocupado em reconstituir, a partir de elementos concretos, o espaço material e humano que envolve uma sociedade.

A arqueologia industrial deve ser entendida como o estudo das mudanças sociais, económicas e culturais decorrentes do crescimento da organização capitalista na indústria, a partir da interpretação das suas evidências materiais.

Esta organização capitalista da indústria foi responsável por uma reordenação da sociedade que atingiu os mais diferentes níveis.

Andrade Lima: “Profundas alterações foram e continuam a ser introduzidas nas relações inter-pessoais, nas relações sociais, nas relações com a natureza, na estrutura da família, na organização do trabalho, aí incluindo o doméstico, remodelando a maneira como pensamos acerca de nós mesmos, a maneira como criamos laços e construímos as nossas ligações com os outros.”

Não são só as fábricas, as suas estruturas e os artefactos, maquinaria e produtos que deverão ser alvo de estudo.

Outras marcas deixadas pela expansão de uma economia e de uma sociedade industriais deverão ser alvo de estudo: estratégias de sobrevivência, de dominação ou resistência; relações de trabalho, de género ou éticas; divisões económicas, religiosas ou espaciais, e tantas outras questões.

**Arqueologia da industrialização** talvez fosse um termo mais apropriado.

**De arqueologia a património: A valorização do património industrial começou na Europa, através da arqueologia industrial, Rafael Evangelista**

Nem sempre belas, às vezes ocupando grandes espaços em terrenos caros e muitas vezes pouco estimadas pela vizinhança, as instalações e áreas industriais dificilmente são imaginadas como algo a ser preservado, estudado e valorizado.

Desde a década de 1960 alguns pesquisadores têm-se empenhado em mostrar como tanto os bens materiais como imateriais produzidos pelas indústrias são importantes para se entender não só a dinâmica da produção de material mas também as relações históricas e sociais que se desenvolveram em torno dela.

Factores que contribuíram para o interesse demonstrado pelo património industrial: a destruição de instalações industriais causada pela II Guerra Mundial e as consequentes transformações urbanísticas.

Manoele Rufinoni: “O gradual entendimento dos vestígios das actividades produtivas como documento histórico de interesse surge atrelado à valorização da história industrial como parte integrante da herança cultural.”

Exemplos pioneiros do processo de preservação do património industrial:

- Centro e Arquivo Histórico da Mina de Bochum, Alemanha;

- Fundação do Museu do Vale de Ironbridge, Inglaterra.

Outros exemplos:

- Museu da Mina de Carvão de Argenteau-Trimbleur, Bélgica;

- Écomusée de Le Creusot-Montceau-les-Mines, França;

- Museu da Fábrica de Saint-Etienne, França.

**QUESTÕES**

* Património industrial é...
* Arqueologia industrial é...
* O objectivo da arqueologia industrial é...
* Qual a origem do conceito (arqueologia industrial)?
* O património industrial pode ser preservado (formas de...)
* Os valores do património industrial são...
* Os vestígios arqueológicos testemunham (o quê)...
* O período de maior relevância da arquitectura industrial foi (situar cronologicamente)...
* A carta do património inclui as mais importantes cartas anteriores (quais)...
* Um inventário do património visa...
* Os inventários devem incluir...
* O património industrial deve ser considerado parte integrante de...
* A protecção do património deve ter em consideração...
* O tipo de conservação a ter como prioritária é...
* De que forma o património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica das áreas em declínio?
* Qual a possível contribuição do Ensino Técnico e Universitário no âmbito da defesa do património industrial?
* Quais os meios mais seguros para assegurar a preservação do património industrial?
* Qual a importância da existência de itinerários regionais e internacionais do património?
* Quais as funções necessárias no âmbito de um trabalho de arqueologia?
* Quais as possíveis  fontes de informação num estudo de arqueologia industrial?